



UNILAB

Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA

AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)

INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)

LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

DAGILA DA SILVA NASCIMENTO

**“NÃO ESTÁ TUDO BEM, MAS VAI FICAR”: PESQUISA AUTO
BIOGRÁFICA SOBRE BULLYING NA ESCOLA.**

ACARAPE-CE

2020

DAGILA DA SILVA NASCIMENTO

**“NÃO ESTÁ TUDO BEM, MAS VAI FICAR”: PESQUISA AUTO
BIOGRÁFICA SOBRE BULLYING NA ESCOLA.**

Monografia a ser apresentada na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito básico para conclusão de curso de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Professor. Dr. Luís Eduardo Torres Bedoya.

ACARAPE-CE

2020

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Nascimento, Dagila da Silva.

N193n

"Não está tudo bem, mas vai ficar": pesquisa autobiográfica sobre bullying na escola / Dagila da Silva Nascimento. - Acarape, 2021.

43f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Luis Eduardo Torres Bedoya.

1. Bullying. 2. Violência escolar. 3. Autobiografia. I.
Título

CE/UF/BSP

CDD 371.58

DAGILA DA SILVA NASCIMENTO

**“NÃO ESTÁ TUDO BEM, MAS VAI FICAR”: PESQUISA AUTO
BIOGRÁFICA SOBRE BULLYING NA ESCOLA.**

Monografia julgada e aprovada para obtenção do Diploma de Graduação em Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira.

Data: 26/10/2020

Nota: 10,0

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luís Eduardo Torres Bedoya (Orientador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira



Prof.ª Dr.ª Rosângela Ribeiro da Silva
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira



Prof. Dr. Linconly Jesus Alencar Pereira
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira

Dedico esta monografia a todos que são ou que foram vítimas de bullying, independentemente do local em que sofrem ou sofreram tais atos e também aqueles que não suportaram e ficaram pelo meio do caminho. A vocês, o meu mais profundo sentimento de respeito, e lhes digo, que a luta contra o bullying é de todos e para todos, vocês nunca estarão sozinhos.

MANIFESTO DE GRATIDÃO

Ser grato a alguém nos dias de hoje é algo raro, mas vezes por outra, encontramos em nossa trajetória pessoas que se tornam fundamentais em nossas conquistas, digo isso, pois muitas vezes percebemos que a disputa por cargos, por reconhecimento, faz com que as pessoas se tornem competitivas e não meçam esforços para derrubar umas às outras. Desta maneira, começo agradecendo a Deus, pois como cristã protestante acredito em um Ser supremo, que nos auxilia em nossas conquistas diárias, em segundo lugar agradeço a minha família em especial ao homem que mais me inspiro até hoje (meu falecido avó Fanim), que durante estes cinco anos que estou na universidade, sendo três no curso de pedagogia, me ajudaram em todos os momentos, seja com o apoio emocional seja com apoio financeiro que muitas vezes foi necessário para tirar uma xerox, para a alimentação no restaurante universitário ou para as viagens da bolsa de iniciação a docência, minha família é fundamental em minha vida, pois embora muitas vezes haja conflitos não medimos esforços para ajudar um ao outro. Agradeço em terceiro lugar as amigas que construí na universidade durante todos esses anos, as meninas com quem eu morei, porque muitas vezes foram elas que me deram suporte emocional para continuar nesta jornada acadêmica. Agradeço ao meu digníssimo orientador Lucho, que desde o início do curso me mostra o quão capacitada sou para exercer com maestria a minha profissão, por ter acreditado em meu potencial desde o Bacharelado em Humanidades, e por me aconselhar no primeiro semestre do curso a não desistir deste sonho que é ser uma pedagoga, formada, por um curso que traz e faz a diferença em nosso país e nos países lusófonos. Agradeço aos meus professores e professoras do curso de Pedagogia, em especial aos dois professores que hoje estão em minha banca, professora Rosângela que durante esses três anos foi uma segunda mãe para mim e professor Linconlyn por ser um amigo tão fiel e por incentivar e mostrar a grande profissional e universitária que sou. Agradeço finalmente a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, a nossa querida UNILAB, a qual tenho um orgulho imenso de dizer que faço parte desta instituição que dá oportunidade desde o início a filhos de agricultores como eu, que antes de sua chegada tinham que se deslocar de suas casas para a capital em busca dos estudos, sou grata por todos os profissionais que constituem esta instituição desde o zelador até o reitor, por eles fazerem a diferença em nossas rotinas diárias.

“ Ao narrar a sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso,
constrói outra representação de si: reinventa-se.
(PASSEGGI, 2011, p.147)

RESUMO

Quando paramos e refletimos sobre a importância de nossas memórias para o nosso processo formativo, nos deparamos com o grande poder que as nossas histórias de vida tem sobre nós. Nós, somos protagonistas de nossas histórias e estas possuem um grande poder emancipatório. Vivemos em uma sociedade que enfrenta grandes desafios, um dos maiores é a violência, esta que está inserida não somente nas ruas, mas também nas escolas de todo o mundo. A violência a qual me refiro é a escolar, aquela conhecida popularmente por bullying, que são atos violentos repetitivos contra um ou mais indivíduos, aos quais afetam a parte psicológica e muitas vezes física das vítimas. É a partir disso, que a presente produção acadêmica tem por objetivo principal entender quais os impactos causados pelo bullying no cotidiano escolar e social dos estudantes, para que haja esta compreensão busco através do relato de minha história de vida, como vítima/agressora deste fenômeno e com o diálogo com alguns autores uma resposta para esta pergunta. O método autobiográfico foi utilizado como fonte para esta pesquisa. Como resultado, além de encontrar uma resposta significativa para a pergunta de partida, trazem-se maneiras de prevenção para este problema que tanto prejudica os alunos.

PALAVRAS-CHAVES: Memórias; Histórias de vida; Violência escolar; Bullying; Autobiografia.

ABSTRACT

When we stop and reflect on the importance of our memories for our formative process, we are faced with the great power that our life stories have over us. We, the protagonists of our stories, possess great emancipatory power. We live in a society that faces great challenges, one of the greatest is violence, which is inserted not only in the streets but also in schools all over the world. The violence I am referring to is school violence, that popularly known as bullying, which are repetitive violent acts against one or more individuals, affecting the psychological and often physical part of the victims. It is from this that the present academic production has as its main objective to understand the impacts caused by bullying in the school and social daily life of students, so that there is this understanding I seek through the account of my life history, as a victim/ perpetrator of this phenomenon and with the dialogue with some authors an answer to this question. The autobiographical method was used as a source for this research. As a result, besides finding a meaningful answer to the starting question, there are also ways to prevent this problem that is so harmful to students.

KEYWORDS: Memories; Life stories; School violence; Bullying; Autobiography.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: PERCURSO METODOLÓGICO	13
CAPÍTULO 2. AUTOBIOGRAFIA: UM MÉTODO DE ENTENDER OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO	16
Narrativa autobiográfica	17
CAPÍTULO 3. O PROCESSO DO FENÔMENO BULLYING NO ÂMBITO ESCOLAR	25
CAPÍTULO 4. FATORES PSICOEMOCIONAIS E PSICOSSOCIAIS DO BULLYING NO COTIDIANO SOCIAL E ESCOLAR	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

INTRODUÇÃO

“Não tá tudo bem, mas vai ficar...”.
(Dagila Silva)

Com essa frase inicio minha monografia, muitas vezes me apoiei na mesma para enfrentar aquilo que durante anos tanto me afligiu. O que muitos entendem por brincadeiras de mau gosto, compreendo, eu e tantos outros pesquisadores, como (pré) conceitos, conceitos estes estabelecidos por uma parcela da sociedade que em sua singela mente doentia enfraquece a dignidade, a autoestima e o potencial do ser humano.

Por muitos anos sofri com um fenômeno conhecido popularmente como bullying, fenômeno este que cresce a cada dia, tanto no âmbito estudantil quando no âmbito profissional, foi exatamente nestes dois locais que tanto sofri com ataques ofensivos que me levavam ao desânimo, a falta de vontade de viver, eu própria me questionava o porquê aquilo acontecia comigo. Mas o que se denomina como bullying? Silva (2010) diz que:

Desde a década de 80, na Europa, os pesquisadores da mente humana iniciaram a nobre tarefa de nomear determinadas condutas de jovens entre si, dentro de seus universos acadêmicos. Esses estudos fizeram a distinção entre as brincadeiras naturais e saudáveis, típicas da vida estudantil, daquelas que ganham requintes de crueldade e extrapolam todos os limites de respeito pelo outro. As brincadeiras acontecem de forma natural e espontânea entre os alunos. Eles brincam, “zoam”, colocam apelidos uns nos outros, tiram “sarros” dos demais e de si mesmos, dão muitas risadas e se divertem. No entanto, quando as “brincadeiras” são realizadas repletas de “segundas intenções” e de perversidade, elas se tornam verdadeiros atos de violência que ultrapassam os limites suportáveis de qualquer um. (p.13)

É importante entender, que as brincadeiras que consideramos normais são aquelas em que todos podem participar sem que haja divergências. Quando apenas alguns se divertem a custo dos outros, isso ganha um outro nome e utilizamos o termo bullying escolar, que vai abranger vários atos de violência que ocorrem de forma intencional e em repetidas vezes contra um ou mais alunos. Pela falta de conhecimento sobre como se dá o bullying, acaba por proporcionar o aumento desenfreado no número

de casos e na gravidade dos mesmos, expondo assim, a situações muitas vezes trágicas que são isoladas, mas que se houvesse um conhecimento maior, poderiam ser evitadas.

No início de minha vida como pesquisadora, fase esta que ocorreu quando ingressei na universidade e tanto temia com o trabalho de conclusão de curso (TCC), pretendia pesquisar sobre o preconceito racial, tema que tanto era discutido naquele momento no ambiente universitário em que eu estou inserida. Ao dialogar com um colega de turma do curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), sobre esta minha vontade o mesmo abriu a minha mente para um problema que ocorria todos os dias e que as pessoas não davam a devida importância e atenção, o bullying, principalmente aquele que ocorre na escola, ao dialogarmos, ele me contou trechos da história de sua irmã, que tanto sofreu com o mesmo, na época em que estudava.

Enquanto ele relatava, eu me colocava no local daquela moça, que tanto se assemelhava com a minha história de vida. A partir disso, vi o quanto seria necessário pesquisar sobre o fenômeno bullying. Enquanto pessoa que sofreu e que com o tempo passou do quadro de vítima para o de agressora. Eu entendia as consequências que este fenômeno havia causado em minha vida, mas queria ir além, queria entender quais seriam as consequências deste fenômeno na vida de jovens estudantes que estavam ingressando no ensino médio. A pergunta que se levanta é: por que trabalhar com jovens que estão ingressando no ensino médio? Porque não trabalhar com crianças, para que assim desde cedo pudéssemos identificar e evitar o bullying na escola?

A escolha deste público naquela época era em referência ao momento mais difícil da minha vida, a juventude, a entrada no ensino médio, faz com que venhamos a passar por mudanças, estamos em meio a um momento no qual os preconceitos estabelecidos por nossos colegas, nos fazem ainda mais temer um futuro próximo, nesta fase estamos propícios a cairmos na depressão, na angústia e em tantos outros problemas.

Com o ingresso no curso de Pedagogia e passando a lecionar através de uma bolsa de estudos, pude observar através de minhas experiências em sala de aula, agora como professora, como este fenômeno se desenvolve no âmbito escolar e aquela pesquisa que antes se voltava para os jovens me fez refletir a importância do trabalho desde o ensino básico para que se evite a propagação do mesmo durante as séries seguintes. Como professora, atualmente percebo a importância de se criar metodologias em que o diálogo e a exposição sobre o assunto sejam aliados aos conteúdos em sala de aula e fora dela.

Importante ressaltar que esta monografia tem como método a autobiografia, onde a minha história de vida é o principal referencial teórico, visto que nossa história de vida é uma das principais fontes de pesquisa, através dela podemos compartilhar nossas experiências de vida, permitindo que os demais indivíduos da sociedade conheçam a nossa história através do que narramos, a mesma é fundamental, pois a partir dela podemos compartilhar nossas visões de mundo, permitindo assim, que os indivíduos tenham a possibilidade de compreender algum assunto a partir de sua perspectiva de vida. O que trago nestas páginas é a minha história, dialogando assim, com autores que abordam este tipo de pesquisa para que você leitor, compreender de forma não somente científica mas também através de meus relatos como o bullying pode causar transtornos na vida dos indivíduos, transtornos estes físicos, psicológicos, emocionais, sociais etc.

Este trabalho está dividido em quatro momentos, no quais o início de cada capítulo trará uma frase de impacto, frases estas que fizeram parte do meu cotidiano, da minha vida estudantil e acadêmica até aqui. Enfrentar o bullying, não é algo fácil, vencer o mesmo é algo ainda mais difícil, porém somos capazes de controlar e debater um tema que tanto aflige crianças, jovens e adultos.

Iniciarei assim com o meu percurso metodológico, trazendo no mesmo uma visão de como se deu a escolha da autobiografia como uma fonte de pesquisa. Trabalhar com nossas histórias de vidas é nos colocarmos como um sujeito protagonista de nossas realidades, é ter nossa história como uma fonte de pesquisa essencial para entender o nosso eu e o mundo que nos rodeia. O segundo capítulo que traz por título Autobiografia: um meio de entender os processos de formação do indivíduo trará uma introdução da minha história de vida, para que assim, você leitor, consiga compreender os impactos causados pelo bullying em minha vida e como consegui através do tempo lidar e superar com este fenômeno. Por muito tempo esta realidade não era possível, por vezes ainda me emociono com as lembranças que relato daquela época, porém hoje como educadora percebo o quão forte sou e o quão necessário e importante é o trabalho de pesquisa desta temática para o meio acadêmico.

O terceiro capítulo trará como título intitulado: “O processo do fenômeno bullying no ambiente escolar “ este capítulo tem por objetivo achar uma resposta para a seguinte pergunta: como se entende o fenômeno bullying, no ambiente escolar? Para isso, a utilização de minha fala como vítima e agressora deste fenômeno entrarão em pauta, buscado uma resposta de como este fenômeno entrou na minha vida, para

entender assim, as circunstâncias que antecedem esta prática, o diálogo com autores que abordam o fenômeno bullying é importante e se faz presente neste capítulo, para que assim, você compreenda o que é o bullying e quais as suas consequências em nossa rotina escolar. A minha visão como professora da educação básica também fará parte em meu relato, por se tratar de um capítulo que abordará este problema no âmbito escolar, assim trazendo a visão de vítima/agressora/professora.

O quarto capítulo, nomeado: “Os fatores psicoemocionais produzidos pelo bullying no cotidiano social e escolar, trará a questão: Quais as implicações causadas pelo fenômeno bullying, no cotidiano escolar e social de estudantes que sofreram ou sofrem este fenômeno? Com isso, terei como base minha vivência com as turmas que já lecionei e com as lembranças que tenho das falas dos estudantes, durante os debates obtidos nas aulas de Ética a qual ministrei, onde abordei durante duas aulas o que é o bullying e quais consequências que este fenômeno traz tanto para o cotidiano das pessoas, como para a saúde, visto que o mesmo acaba que abalando o psicológico do indivíduo, além de prejudicar o desenvolvimento escolar dos estudantes, visto que a criança ou o jovem que é vítima deste fenômeno prejudicando sua saúde mental, tem o seu rendimento escolar diminuído.

Considero finalmente que a minha história de vida, além de trazer maneiras de prevenção do combate a este problema, prevenções estas pensadas através das vivências obtidas por mim durante meus vinte três anos de vida e como mais recente pedagoga atuante em sala de aula.

CAPÍTULO 1: PERCURSO METODOLÓGICO

“Somos autoras e protagonistas das nossas histórias de vida”
(Dagila Silva)

Este trabalho de conclusão de curso é o resultado de uma pesquisa que se iniciou no ano de 2016, enquanto eu ainda cursava o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades. Naquela época meu principal objetivo era compreender quais seriam os impactos causados pelo fenômeno bullying no cotidiano social e escolar de estudantes que estavam ingressando no ensino médio. De lá para cá, minha visão foi sendo cada vez mais aberta a estudos que trabalhavam com a temática, visto que entender como funciona o mesmo é uma questão que deve ser debatida, pois cada dia pode-se observar o número crescente de estudantes que sofrem com o mesmo, o bullying passou de um problema apenas social e passou a se tornar um problema de saúde pública, no qual vários profissionais são inseridos nas narrativas para ajudar a vítima.

Durante este percurso um dos momentos mais marcantes, foi quando decidi que eu mudaria totalmente a estrutura do que eu queria trabalhar, antes eu trabalharia com entrevistas que me ajudariam a compreender como de fato ocorria este fenômeno e quais os impactos causados por ele. A partir das aulas da componente de Autobiografia e Educação do curso de Pedagogia da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira), compreendi o quão importante é trabalharmos com as nossas histórias de vida, nós somos protagonistas de nossas histórias e são elas os principais pilares que determinam o que nos fez chegar até aqui.

Um dos principais fatores que me levou a pesquisar sobre o bullying no âmbito escolar foi pelo fato de eu já ter sofrido bullying e, além disso, já praticá-lo também, visto que em muitos casos, a vítima acaba se tornando agressora, pois deseja sair do quadro em que está e se baseia no pressuposto de que se passar a “zoar” o outro, a gozação que estava inserida em você é retirada. Compreender como ele afeta as nossas vidas e como de vítima, passamos a ser agressores me fez enxergar que existe a necessidade de haver estudos mais aprofundados sobre o assunto, este fenômeno afeta e abala o psicológico dos estudantes, e como principal fonte para justificar esta afirmação, tenho os meus relatos e história de vida, que comprovam esta afirmativa.

O método de pesquisa utilizado nesta monografia é o autobiográfico, pois entendo que as contribuições que o mesmo têm para o campo acadêmico é de grande valia. Como mencionado acima, as nossas narrativas são uma importante fonte de

pesquisa que possibilitam a compreensão da formação pessoal e profissional do indivíduo, o tornando assim protagonista de sua própria história. Bueno (2002), relata que o recurso ao método biográfico é:

Embora bastante recente na área das ciências da educação, é uma perspectiva metodológica que foi largamente empregada nos anos 1920 e 1930, pelos sociólogos da Escola de Chicago, animados com a busca de alternativas à sociologia positivista. Após esse sucesso o método sofreu um colapso súbito e radical, caindo em quase completo desuso nas décadas seguintes, em razão da preponderância da pesquisa empírica entre os sociólogos americanos. Depois disso, é só por volta dos anos 1980 que o método passa a ser novamente utilizado no campo da sociologia, dando ensejo a muitas discussões, sobretudo quanto aos procedimentos e aspectos epistemológicos da abordagem. (p. 16-17)

Este método para muitos não é reconhecido, porém sua aplicação no campo acadêmico vem se destacando e sendo reconhecido por ser um método autônomo de investigação. A autobiografia permite a utilização da memória como fonte de produção de conhecimento, inclusive com uma potencialidade formativa, é importante valorizarmos este tipo de método, pois a partir dele levantamos dúvidas em relação às metodologias das ciências naturais e que possibilitam a compreensão dos fenômenos sociais.

Segundo Rios (2013) a memória não é algo somente individual, algo que parte somente das memórias depositadas nas lembranças dos indivíduos, ela também é vista como algo coletivo no qual o meio, a sociedade, dá de certa forma uma contribuição seja significativa ou não para nossas lembranças. Assim, nossa memória é fruto de ações vivenciadas no cotidiano, que tem ações provindas da sociedade.

Em suma, a constituição de memórias envolve não só experiências vividas diretamente, mas também, experiências herdadas, aprendidas, transmitidas aos indivíduos pelos grupos através do processo de socialização. Vale dizer que, mesmo os acontecimentos, pessoas e lugares que compõem as experiências diretas do indivíduo e grupos são alterados quando registrados na forma de lembranças, não correspondendo de modo totalmente fiel a realidade. As memórias podem, ainda, envolver elementos que transcendem o espaço-tempo de duração de vida dos indivíduos e grupos, evocando passagens míticas e fantásticas. (RIOS, 2013, p.9).

As memórias aqui escritas envolvem e dialogam com experiências vividas por mim durante a infância e a adolescência, fases estas que são de grande importância para a modelagem da identidade do indivíduo. O bullying como fonte de pesquisa é trago aqui, através da narração da minha história com o diálogo entre minhas memórias e a escrita de autores que abordam este tema e o método autobiográfico. As lembranças, por serem muitas vezes coletivas e não somente individuais permitem a transmissão seja pela oralidade, seja pela leitura.

Tendo a memória como um dos pilares para narrar nossas histórias de vida, partimos agora para a formação de nossa identidade visto que a mesma está interligada ao processo de memorização. Resgatar nossas memórias não é simplesmente relatar de forma oral ou escrita o que passou, mas fazer uma autorreflexão do que aconteceu no passado. Ao relatar de forma oral nossas lembranças, notamos a importância que nossas histórias de vida, têm perante todo um contexto.

Souza (2014) trará que memória é o pilar que edifica a identidade, é através delas que há a rememoração do passado. Para a autora a memória individual é construída a partir da influência da memória coletiva, pois a utilização de palavras e ideias é retirada da sociedade. Para ela a memória não pode ser utilizada fora da sociedade, pois a sociedade é que influencia em nossas memórias.

Considerando o esquecimento como elemento inseparável da memória, pode se pensar a rememoração como um trabalho de reapropriação do passado, no sentido de reescrita, de fazer novamente o que já foi feito. Além disso, tendo em vista que o sujeito da rememoração direciona a atuação e a evocação do passado conforme seus objetivos, o passado ressurgem atualizado e ressignificado. Por isso, não se pode pensar, como já referido, em fidelidade ou exatidão das lembranças, as quais estão sempre sujeitas a reavaliações, novas versões, equívocos, distorções e, especialmente, esquecimentos. (SOUZA, 2014, p.107).

Relembrar os momentos angustiantes que passei durante um período da minha vida, nem sempre é fácil, mas compreendendo que minha história de vida serve como relato para que outras pessoas consigam, assim como eu, superar o bullying e assim, compartilhar suas experiências com outras pessoas, possibilitando assim, o enfrentamento deste fenômeno, não somente no âmbito escolar, mas também em outros espaços, como no caso de muitos, em suas próprias casas.

CAPÍTULO 2. AUTOBIOGRAFIA: UM MÉTODO DE ENTENDER OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

*“O início de nossa história nos permite compreender
nossos processos de construção como indivíduos”*
(Dagila Silva)

Compreender os processos pelos quais os indivíduos são incorporados em nossa sociedade não parece ser uma tarefa fácil, principalmente porque muitas das vezes estamos inseridos em locais aos quais não conseguimos compreender a relevância e a motivação de tais processos. O indivíduo é formado e moldado por um conjunto de fatores que os levam a ser de tal maneira. No decorrer de nossa história passamos por momentos alegres, mas muitas vezes passamos por momentos difíceis de compreender.

Por vezes estamos envolvidos em cenas que nos fazem pensar e refletir, mas como assim? Uso como exemplo minha própria história de vida, já que nossas histórias de vida são uma importante fonte de pesquisa para compreender tal processo, hoje atuando como professora, tenho boas e más lembranças da época em que estudava, lembranças essas que muitas vezes estão imersas em meu inconsciente, procuro hoje em dia não repetir erros que via meus professores cometerem em sala de aula, como gritos, não procurar entender porque tal aluno age de uma forma que julgo errada e tantos outros, por isso que o processo formativo é importante, pois através dos erros que eu julgo, eu consigo ser uma professora que utilizo meus erros e os erros de outros professores, como forma de aprimoramento do meu ensino.

O processo de formação do indivíduo é algo lento, muitas vezes complexo, mas que está em atividade constante e nunca para, já que a cada dia aprendemos algo novo, que nos possibilita à autorreflexão. A partir disso, novos conhecimentos. Conhecimentos estes que são capazes de modificar nosso ponto de vista e nos tornar seres melhores, capazes que compreender o ser humano como alguém em constante transformação.

Compreendendo assim, a importância do processo formativo na vida do indivíduo e que a nossa história de vida é uma importante arma para conseguirmos compreender esse processo, trago a partir de agora, uma pequena introdução da minha história para que assim, você leitor, consiga a partir da minha escrita compreender como o bullying entrou na minha vida e quais impactos foram causados por ele durante esta minha trajetória até o presente momento.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (LARROSA, 2002, p. 21)

Imersos em memórias, em fatos ocorridos em nosso cotidiano, adquirimos experiências que são responsáveis por ações vindouras. O que entendo por experiência é ao vê, a aquisição de aprendizados adquiridos até o presente momento, que nos permite modelar nossos atos e preencher a cada dia um pouco mais o nosso processo de criação de uma identidade própria, que permite assim, nos conhecer, tanto como pessoa como profissionalmente. Como na citação acima, podemos observar que nem tudo que se passa em nossas vidas gera aprendizado, somente aquilo que nos marca e a cada dia, com a proporção em que nosso sociedade cresce, estas experiências se tornam cada vez mais excassas, visto que a intensidade de cada momento se perde, com a correria do tempo em nossa volta.

Narrativa autobiográfica

Nossa história de vida tem a função de nos auxiliar a determinar os caminhos que estamos dispostos a trilhar, as experiências vivenciadas por nós possuem um valor inenarrável. Somos protagonistas de nossas histórias, somente nós temos a capacidade de entender como determinadas experiências ocorreram e como as mesmas tiveram e têm o potencial de moldar nossas identidades, de criar caminhos que possibilitam uma reflexão minuciosa de nossas vivências fazendo assim uma ponte entre ação e reflexão.

Passeggi (2011) escreve que ao narrar a sua própria história, a pessoa procura dar sentido às suas experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se. E é nesta reinvenção que as nossas experiências de vida tomam grandes proporções e permite entendermos o nosso eu, reinventando a cada novo obstáculo nossa identidade e fortalecendo a mesma, de maneira a compreender nosso espaço de fala e ação.

Chamo-me Dagila da Silva Nascimento, brasileira, cearense, nascida na capital deste estado tão rico em cultura e beleza, saí da capital bebezinha com meus pais e viemos morar no interior do Ceará, em uma pequena cidade chamada Barreira, cidade natal de minha mãe. Desde cedo ingressei na escola, pois minha mãe sempre acreditou que o ensino fosse uma ferramenta muito importante para o desenvolvimento de um indivíduo, ela queria dar para mim o ensino que ela não conseguiu ter, já que desde muito nova, a mesma teve de trabalhar para ajudar em casa, realidade esta vivenciada por muitas moças do interior.

Iniciei meus estudos em uma creche do município de Barreira, por volta dos anos 2000, mas logo no ano seguinte minha mãe me matriculou em uma escola da rede privada do município, ela e meu pai ainda eram casados e os dois se esforçaram para pagar os meus estudos, porém quando eu tinha quatro anos de idade os dois se separaram e eu e minha mãe que estava grávida de meu irmão, passamos a morar com meus avós maternos. Para ajudar com as despesas de casa e criar dois filhos, minha mãe teve que tomar uma difícil decisão, pediu para meus avós cuidarem de mim e do meu irmão para que assim, ela viesse a trabalhar na capital cearense, lembro-me que por um bom tempo meu pai nos ajudou com uma pequena pensão e com a compra de alguns alimentos, além de ajudar a minha mãe com os custos da escola em que eu estudava.

Porém com o decorrer do tempo, a ajuda com o pagamento da escola se encerrou, minha mãe continuou com a ajuda de minha avó, a pagar a escola, até que minha mãe sem poder continuar com o pagamento resolveu me tirar da escola. Lembro-me que fiquei com um misto de emoções que pairavam entre a tristeza e a alegria, tristeza por deixar a escola e felicidade por saber que a minha vontade de estudar em uma escola pública ia se realizar, visto que por vezes eu sentia que não pertencia aquele local. Além disso, eu passaria a estudar com pessoas que entenderiam a minha realidade sem me julgar.

Porém, nesta época surgiram algumas bolsas patrocinadas por alguns “padrinhos” e “madrinhas” nesta escola, e um destes padrinhos, acabou por escolher a mim, para custear assim, até o nono ano meus estudos. A escolha se deu pelo bom desenvolvimento escolar (sempre me esforcei muito nos estudos, pois o mesmo era uma prioridade para mim) e por o mesmo ser grato a minha avó, por doar sangue a um familiar dele, minha avó era doadora naquela época. O único pedido era somente para que eu não revelasse quem custeava minha mensalidade.

Nesta etapa da vida, já estava eu, provavelmente cursando do quarto para o quinto ano no fundamental I. Dizer que este período que estudei na rede privada foi fácil, seria mentira, como muitas garotas que cursam a educação básica, eu sofri bastante com um fenômeno conhecido e debatido atualmente, chamado de bullying, lembro-me que sempre fui magra (bem magra), e além disso, pertencço a uma família simples e humilde do interior cearense, nunca tivemos regalias, além disso, eu era filha de pais separados, estes três fatores me levaram a vivenciar na escola privada, momentos constrangedores e bem difíceis.

Lembro que durante os anos que estudei na instituição eu sofria muito por conta de minha estrutura física, o que fazia com que meus colegas de escola tirassem brincadeiras de mau gosto comigo, e isto não era uma realidade vivenciada por mim somente na escola, dentro de minha própria casa meus familiares tiravam brincadeiras de mau gosto que muitas vezes me levava ao choro. Nunca foi agredida fisicamente por meus colegas, somente de forma verbal, o que ecoava em meus ouvidos como algo que magoava. Esta realidade não era somente comigo, mas com outros colegas. Ter que enfrentar preconceito todos os dias era frustrante, mas não adiantava eu chegar em casa e reclamar para meus avós, já que meus familiares também praticavam bullying comigo.

Silva (2010) em seu livro que trata sobre o bullying nas escolas, a mesma escreve algo bastante interessante em relação às suas lembranças vividas na escola, na época em que estudava. Suas memórias hoje fazem sentido para mim, visto que o bullying é um fenômeno que não acontece somente com uma pessoa, ele engloba muitos outros indivíduos, sejam os que são vítimas, os agressores e os que somente observam tais atos de crueldade. Na infância não sabemos distinguir brincadeiras saudáveis de atos ofensivos, mas quando chegamos à adolescência percebemos o que vivemos durante aquela fase. Na realidade se pararmos para pensar, perceberemos que todos nós temos sempre um pouco da história do outro.

Imersa em lembranças escolares, cenas vividas afluíam em minha em minha tela mental. Pude distinguir, com clareza, as brincadeiras saudáveis, das quais fiz parte, daquelas “falsas brincadeiras” que camuflavam sentimentos pouco nobres, de intolerância, de preconceito, de ignorância e de “maldade” consciente. Naquela época, mal poderia imaginar que, anos à frente, eu estaria às voltas com o comportamento humano e com o dos alunos no seu âmbito escolar. (SILVA, 2010, p.13).

Em uma das cenas que mais me magoou lembro de uma vez que tirei uma nota baixa na disciplina de matemática, e ninguém sabia que eu era bolsista, até porque havia sido pedido sigilo em relação a isto por quem me apadrinhou, e uma de minhas colegas de classe, chegou para mim e falou: “minha mãe disse que você iria perder sua bolsa, já que tirou nota baixa”, a mãe dessa aluna, mal frequentava a escola, como ela poderia saber de meu apadrinhamento e como ela poderia saber da nota que eu havia tirado? Se não era professora da escola? Aquilo me abalou tanto, porque depois daquela fala na frente dos meus demais colegas todos riram de mim, e eu comecei a chorar desesperada, porque aquilo havia ocorrido somente uma vez, conversei com a diretora logo após o ocorrido e ela me comunicou que aquilo não passava de um boato, que eu não perderia minha bolsa, até porque meu ano escolar havia sido pago no início do ano, tive uma nova oportunidade de refazer a prova, tirei uma nota melhor.

Anos depois refletindo sobre aquele ocorrido, percebi o quanto estamos expostos a tais atos, e que nos levam ao desespero. Nós temos que refletir, que é em nossa juventude que devemos compreender e aprender que não devemos tolerar nem um tipo de violência, de preconceito conosco ou com o próximo, pois quando fazemos isto estamos omitindo ajuda e desrespeitando o próximo.

Outras cenas insistem em aparecer em minhas memórias, como episódios aos quais meus colegas me chamavam de “seca do quinze”, “Olívia palito”, e tantos outros apelidos que são mencionados para alguém que é magro. Eu me sentia desolada quando meus colegas comentavam sobre o convívio com os pais e eu não podia comentar, não participava destes tipos de conversa, pois sabiam que os meus pais eram separados.

Outra coisa que me machucava bastante e eu até chorava era quando eu não podia participar dos eventos das escolas, das “festinhas”, por não ter muitas vezes como pagar, na frente de meus colegas que me olhavam torto, eu engolia o choro, porém quando eles saíam eu me derramava em lágrimas. Acho que por isso, que quando tive a chance de mudar de escola, eu havia ficado tão feliz, já que não me sentia pertencente àquele espaço.

Quem sofre com o bullying, acaba se tornando uma outra pessoa, lembro que eu era uma criança muito alegre, quieta, estudiosa, porém com o desenrolar do tempo, e das agressões psicológicas, passei a ser mais retraída e muitas vezes mais agressiva em minhas falas. Como questão de sobrevivência naquela época, percebi que para eu enturmar com os demais eu deveria fazer o que eles faziam comigo, mas com outros colegas, daí passei de vítima para agressora, este é um ponto no qual é muito importante

trabalhar, quem sofre bullying por um longo período, acaba se tornando com o tempo o que mais lhe aflige, para poder sair daquela zona de ataques. Eu lembro que passei a rir juntamente com os outros, de colegas que eram magros assim como eu, a chamar de apelidos os colegas mais fortes, eu achei naquela época que se eu tivesse do outro lado, eu me sentiria melhor e as ofensas que antes eram oriundas para mim, passariam para outra pessoa, me enganando é claro, já que continuaram zombando do meu corpo.

Lembro que um dos primeiros episódios no qual passei de vítima para agressora, estava eu e alguns colegas bebendo água no bebedouro, quando uma menina chegou e começou a brigar comigo não lembro por qual motivo, então ela começou a me chamar por apelidos, referentes à minha magreza, então cansada daquela situação, já que ela era uma das que mais tinha preconceito em relação a mim disse: “pelo menos, eu não sou uma baleia fora d'água”, isso gerou uma discussão verbal, mas que logo acabou.

Com a adolescência chegando, achei que isto iria acabar, porém a sociedade nos oprime e dita padrões de beleza aos quais, tentamos resistir, mas acabamos enfeitiçados e ludibriados pela mídia e pelo que vemos em nossa frente. Nossa sociedade dita padrões de beleza, já que a mesma é voltada para o eurocentrismo, que acaba por inferiorizar quem não se modela aos seus padrões. Lembro que as minhas colegas se desenvolveram fisicamente e eu continuei bem magra e isso me afligia muito, além disso, quando eu olhava para os cabelos lisos das mesmas eu sentia vontade de alisar o meu também. Acho que em relação aos problemas que enfrentei com o bullying a adolescência foi a pior fase, já que eu compreendia naquele período o que era o bullying e os impactos dele em minha vida.

Por volta dos onze para os doze anos, minha mãe vendo meu comportamento que havia sido modificado me levou a uma médica, que ao me consultar revelou que eu estava com um início de depressão. A mesma foi ocasionada pela separação de meus pais, já que eu era extremamente apegada ao meu pai, à separação acabou abalando nossa relação, mudando nossas rotinas, nossos hábitos. Lembro que minha madrasta não me deixava dormir com meu pai quando eu era pequenina. Isso abalava meu psicológico, já que era um hábito meu, de meu pai e de minha mãe dormirmos juntos. Fora a separação tinha a questão das brincadeiras não saudáveis direcionadas a mim na escola, que me fazia sentir inferior aos demais colegas. Passei um bom tempo tomando medicação para depressão, mas um dos episódios que mais me emociona é de quando um dia, não sei exatamente quantos anos eu tinha, mas estava na pré-adolescência, cheguei em casa por volta das seis da noite, este era o horário que eu tinha costume de

chegar da escola, já que utilizava o ônibus público escolar, eu cheguei desolada, tranquei a porta do meu quarto, peguei um estilete e quis enfiar na minha barriga, porque eu não aguentava mais aquilo, mas algo dentro de mim, não permitiu que eu fizesse aquilo, além disso, minha avó bateu na porta e eu desisti. Isso é difícil de falar, mas é uma realidade de muitos jovens que sofrem com o bullying, já que o mesmo acarreta consequências para a vida educacional e social do indivíduo.

A depressão não é apenas uma sensação de tristeza, de fraqueza ou de “baixo astral”. É muito mais do que isso: trata-se de uma doença que afeta o humor, os pensamentos, a saúde e o comportamento. Os sintomas mais característicos de um quadro depressivo são: tristeza persistente, ansiedade ou sensação de vazio; sentimentos de culpa, inutilidade e inquietação; dificuldades de concentração e de tomar decisões; sentimentos de desesperança e pessimismo; perda de interesse por atividades que anteriormente despertavam prazer; ideias ou tentativas de suicídio. (SILVA, 2010, p.28)

Uns dos principais sintomas no período em que eu passei com início de depressão foram a ansiedade, que é presente até hoje na minha vida, além disso, a perda de peso era óbvia, eu mantive o mesmo peso durante anos, na realidade eu era uma criança que passou para a adolescência com um quadro de subnutrição, que mudou somente anos após eu estar na universidade. Hoje em dia, as consequências do bullying sofrido por mim, ainda permanecem e é visível, a ansiedade é o principal ponto, mas eu hoje trabalho para que ela não prejudique tanto a minha vida, hoje eu sei controlá-la, mas até alguns anos atrás era impossível, eu tenho uma dificuldade muito grande em tomar decisões e por várias vezes perco a concentração sem perceber, para controlar isso hoje eu trabalho com a minha auto aceitação, aprendi a ter amor próprio e isso tem me ajudado muito, hoje eu não me permito ser inferiorizada em nenhum ambiente, eu sei do que sou capaz e do meu potencial.

Quando eu tinha quinze anos de idade, ingressei no ensino médio, fui, apenas, no primeiro dia, pois no segundo tive que me internar para um procedimento cirúrgico, eu jurava que o bullying era um assunto que tinha ficado para trás, infelizmente esta não foi a realidade, como passei quase um mês sem frequentar as aulas, por conta da cirurgia, eu não conhecia com quem eu estava estudando. Alguns alunos de minha antiga escola permaneceram na mesma sala que eu e o restante da turma era de alunos que vinha de outras escolas.

Como não podia frequentar as aulas, minha prima que estava na mesma sala que eu, me contava tudo que se passava e me trazia a matéria. Certo dia, ela chegou comentando que haviam colocado um apelido em mim na escola, apelido este colocado por um aluno que nunca tinha me visto “a meninazinha da cirurgia”, este me chamava assim, todas às vezes que o professor fazia a frequência, eu fiquei triste, porque eu jurava que naquela escola seria diferente.

Passando-se os dias, retornei para a escola, no meu primeiro dia de aula, na hora da frequência, quando o professor falou meu nome o garoto simultaneamente falou “é a meninazinha da cirurgia”, e eu que só escutava os comentários, falei que aquela menina tinha nome e me apresentei, eu naquele dia pude perceber como os demais da sala riam quando ele falava esse apelido. Sofri um pouco no ensino médio com os ataques dos bully (agressor), mas não tanto como no ensino fundamental, com o tempo estes ataques diminuíram e eu não me lembro de episódios fora esse no ensino médio, somente de alguns poucos momentos de isolamento da turma, em relação a mim e os colegas que eram oriundos da rede privada, já que a escola era do estado, mas com o tempo isso passou.

E nos primeiros meses que estava cursando a universidade estes ataques voltaram, dessa vez não somente porque eu era muito magra, também pelo meu tamanho, mas isso era algo que não me afligia mais tanto, porque eu já estava acostumada com aquilo, por vezes eu até revidava, mas com o passar do tempo eu fui superando, aprendi a não mais chorar e a procurar formas de enfrentar o bullying, não sendo mais vítima/agressora e passando a buscar alternativas de saída.

Como um último episódio, já na vida adulta, lembro-me de esta em um ambiente onde eu estava estagiando para conseguir horas complementares para concluir o curso do Bacharelado em Humanidades, eu estava em um setor, no qual o secretário buscava todos os dias me machucar com suas “brincadeiras” de mau gosto, voltadas para o meu tamanho e por eu ser magra, como eu estava bem madura, eu não permitia que ele me humilhasse e ele dizia que eu era muito linguaruda. Este último relato é somente para que vocês possam observar que o fenômeno bullying não ocorre somente no âmbito escolar o mesmo também se manifesta nos locais de trabalho.

O Bullying se estabelece como uma violência onde há uma relação desigual de poder, isto é, o agressor tem poder sobre a vítima, geralmente pelo fato de que muitas vezes ele se apresenta ser maior fisicamente do que o alvo, intimidando ainda mais, fazendo com que o

alvo se considere uma pessoa fraca, sem condições de acabar com essa situação. (GRILLO, 2015, p.62)

O bully (agressor), sempre procura vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender, causando assim, dor e sofrimento para a vítima. O bullying é um fenômeno que não é mais somente exclusivo do campo educacional, ele passa a ser um problema de saúde pública, no qual vários profissionais devem ter em sua pauta de forma mais abrangente, envolvendo assim, médicos, assistentes sociais e psicólogos.

CAPÍTULO 3. O PROCESSO DO FENÔMENO BULLYING NO ÂMBITO ESCOLAR

“ O que ninguém contou é que o bullying pode marcar para sempre a vida de uma pessoa ”
(Dagila Silva)

Gostaria de iniciar este capítulo com a informação de que as escolas brasileiras são isentas de qualquer ato de bullying, mas estaria mentindo, visto que este fenômeno está inserido em todas as escolas deste planeta. O bullying é um problema que ganhou grandes proporções dentro das escolas de todo o mundo. Uma pesquisa realizada pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP), em 2019, relata que dos 2.702 estudantes entrevistados, de mais de 100 escolas públicas e privadas daquele estado, 29% relataram já terem sido vítimas de bullying e 23% relataram que já haviam sofrido algum tipo de violência. A existência do bullying não se limita somente as escolas públicas, observamos relatos de atos violentos dentro das escolas privados do nosso país. Exemplo disso são os ataques que sofri dentro da rede privada de ensino, onde encontramos muitos casos, mas que muitas das vezes são “abafados”, para não manchar o nome da instituição e só se tornam de conhecimento público, quando as vítimas criam coragem de narrar o que passou, muitas vezes anos depois de sair da instituição, por medo de represálias, de não ser ouvido, ou de acharem que seu relato é alguma mentira.

A palavra bullying ainda é pouco conhecida do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Dentre esses comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores. É fundamental explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes, geralmente, não apresentam motivações específicas ou justificáveis. (SILVA, 2010, p.21)

Partindo desta afirmação, busco neste capítulo compreender como se entende o fenômeno bullying no ambiente escolar. Compreende-se que tais atos são observados como ações “naturais”, que partem de um agressor, tendo em vista que as mesmas podem ser designadas a uma vítima que nunca tenha feito nada que pudesse trazer uma

motivação para tal violência. Os agressores, conhecidos como (bullies), são vistos como os mais fortes e se utilizam disso, para menosprezar, intimidar, humilhar suas vítimas. O bullying pode então ser compreendido como atos de violência praticados por um bully contra um ou mais indivíduos, que acabam se tornando vítimas, que se tornam impossibilitadas de se defender, esses atos trazem consigo, violência física e psicológica para quem é vítima.

O bullying é um problema existente em nossa sociedade desde muito tempo, se parar para refletir, cada um de nós, pelo menos uma vez na vida já foi vítima, agressor ou os dois. Algumas das técnicas utilizadas pelos agressores são a intimidação, a prepotência ou o abuso de poder, com isso os mesmos impõem certa autoridade e acabam dominando suas vítimas. As vítimas, ao se sentirem intimidadas, matam aulas, inventam doenças, tem seu rendimento escolar despencado, se utilizam disso, como um meio de fuga.

Grandes casos envolvendo bullying podem ser encontrados na internet, um dos casos mais conhecidos foi o ocorrido em 1999, no colégio Columbine High School, no Colorado, onde dois estudantes assassinaram doze estudantes e um professor deixando ainda mais de vinte pessoas feridas, logo após praticaram suicídio. A principal motivação do crime, seria que os dois eram excluídos na escola e isso se tornou uma forma de vingança. Vários outros casos surgiram durante os anos, no Brasil mesmo, em 2011, no bairro do Realengo (RJ), ocorreu um massacre, por motivos de vingança, causados por uma vítima de bullying.

O bullying no ambiente escolar gera grandes transtornos na vida dos estudantes envolvidos, principalmente nas vítimas, que com o tempo muitos se tornam agressores. Diversas atitudes tanto diretas como indiretas se configuram como prática de bullying, porém raramente a vítima sofrerá apenas com um tipo de ataque, pois normalmente os ataques são feitos em grupos. Os atos maldosos praticados pelos bullies causam a exclusão social da vítima, a evasão escolar e se caracterizam assim por atos verbais, físicos ou materiais, psicológico e moral, sexual e virtual também conhecido como cyberbullying, quando o mesmo sai das paredes das escolas e alcançam as mídias sociais.

Revivendo a experiência de buscar em minha memória as práticas de bullying realizadas com minha pessoa, lembro que eu era muito esforçada, tirava notas boas e os professores gostavam muito de mim, pois eu nunca havia desrespeitado os mesmos e isto era visto como motivo de “chacota”, pelos demais membros de minha turma,

quantas vezes escutei que eu “puxava o saco dos professores”, ou que eu era muito certinha, eu lembro que não era somente eu quem sofria bullying na minha sala, outros colegas também sofriam, e atualmente quando falei para eles que pesquisava sobre a temática, nós lembramos muitos dos atos discriminatórios que sofríamos.

O bullying causa problemas na aprendizagem dos alunos, e até mesmo problemas psicológicos nas vítimas. Sabendo disso, é importante que haja uma pesquisa voltada para essas vítimas para saber como elas se sentem, quais os impactos que este fenômeno causa/causou na vida destes jovens, para que se possa abrir um diálogo que aborde possíveis métodos de combate a esta prática, e para que haja uma ajuda psicológica, para que estes se sintam amparados. Sabe-se que a casos de jovens que se suicidaram ou que praticaram atentados em escolas, tendo como principal motivo o rancor causado pelas práticas de bullying, para que isso seja amenizado é importante saber o que se passa na mente de pessoas que são vítimas deste fenômeno, para que não venham a criar este sentimento que não somente abala a vítima, mas aos familiares de vítimas de algum possível atentado. (NASCIMENTO, 2017, p. 10).

Os bullies ao encontrarem um estudante-alvo, que se encontra em desigualdade de poder inferior à dele se aproveitam da situação, em muitos dos casos a vítima já possui uma baixa autoestima, o que facilita ainda mais as agressões. Lembro-me que durante a adolescência essa baixa autoestima que me atingia fazia com que eu me sentisse feia em relação às demais colegas que estudavam na minha sala, é onde novamente surge a questão do corpo perfeito, do cabelo alinhado, do desejo por aquilo que vemos no outro.

Além de os bullies escolherem um aluno-alvo que se encontra em franca desigualdade de poder, geralmente este também já apresenta uma baixa autoestima. A prática de bullying agrava o problema preexistente, assim como pode abrir quadros graves de transtornos psíquicos e/ou comportamentais que, muitas vezes, trazem prejuízos irreversíveis. (SILVA, 2010, p. 25)

Os atos praticados por um bully causam consequências psíquicas e comportamentais na vítima, os mais comuns são: sintomas psicossomáticos, nos quais podem ser citados (dores de cabeça, náuseas, boca seca, entre outros), transtorno do pânico, fobia escolar, fobia social, transtorno de ansiedade generalizada, depressão,

anorexia e bulimia, transtorno obsessivo-compulsivo, transtorno do estresse pós-traumático e menos frequentes: esquizofrenia, suicídio e homicídio.

Em relação à fobia escolar, já que estamos trabalhando neste capítulo o entendimento do fenômeno bullying nas escolas, a mesma vai se caracterizar, pelo medo que a vítima adquire de ir à escola, o que vai ocasionar repetência por conta das faltas, transtornos na aprendizagem, evasão escolar. Silva (2010) escreve que a fobia escolar:

Caracteriza-se pelo medo intenso de frequentar a escola, ocasionando repetências por falta, problemas de aprendizagem e/ou evasão escolar. Quem sofre de fobia escolar passa a apresentar diversos sintomas psicossomáticos e todas as reações do transtorno do pânico, dentro da própria escola; ou seja, a pessoa não consegue permanecer no ambiente onde as lembranças são traumatizantes. (p.26)

Hoje como pedagoga já conseguir dentro de sala de aula identificar casos de bullying, onde a vítima (um garoto) era considerada muito inteligente, e isto incomodava muito os demais colegas. Era possível ouvir os risos, as piadinhas de mau gosto, levantas contra este menino, a exclusão e como eu na infância já havia passado por este tipo de ataque, eu resolvi trabalhar com a temática bullying, colocando como um conteúdo ministrado em sala de aula.

Em um primeiro momento ao chegar à sala de aula e mencionar que o tema da aula era bullying e sobre o que eles entendiam sobre isso, as meninas já foram dizendo que não praticavam bullying com ninguém, sem eu nem perguntar disseram que não eram preconceituosas com o colega de sala. Houve uma resistência em relação ao tema, eu sabia que seria difícil ministrar uma aula com a temática, porque os estudantes não admitiam que tiravam “brincadeiras” de mau gosto com os colegas, mas a aula fluiu e eu pude perceber o quanto aquelas crianças se entusiasmaram pela temática, tivemos duas aulas referentes ao tema, e no final eles compreenderam que o que eles estavam fazendo com o colega era bullying, mas para que eles admitissem e refletissem sobre isso, foi necessário que houvesse um diálogo com eles, porque até então eles não sabiam o que era o bullying.

A comunidade escolar tende a reproduzir, em maior ou menor escala, a sociedade como um todo. A hierarquia escolar compreende os diretores, supervisores, orientadores, professores, inspetores e funcionários que cuidam do espaço físico e de toda a engrenagem funcional e administrativa da instituição. Dentro dessa esfera, todos devem exercer seus papéis de forma eficiente e solidária, para que os

alunos possam aprender e praticar todo o conhecimento de que precisarão na caminhada rumo à vida adulta. (Silva, 2010, p. 79)

No sistema de ensino escolar nos deparamos com outro micromundo, chamado “universo dos estudantes”. Seja na rede pública ou na rede privada, percebemos infelizmente uma hierarquia muito parecida com o sistema de castas. No universo dos estudantes podemos visualizar três grupos: os populares, os neutros e os excluídos. Os excluídos fogem muitas vezes dos padrões estabelecidos pela sociedade e acabam se tornando presas fáceis para os bullies, a probabilidade de um estudante popular ou com um poder aquisitivo maior se tornar um agressor é muito alta, pois os mesmos possuem em sua maioria um poder sobre a turma maior, que possibilita práticas negativas.

Relatando isto, me lembrando que as pessoas que mais praticavam bullying comigo, eram consideradas “populares”, quando passei a pertencer a este grupo me tornei agressora, e hoje ao questionar alguns amigos o porque na adolescência não falavam comigo, relataram que era porque eu pertencia a um grupo que se achava superior e mesmo que eu não fosse daquele jeito, por andar com eles a impressão que passava era de que eu também era daquele jeito.

O bullying ocorre em todas as escolas, independente de sua tradição, localização ou poder aquisitivo dos alunos. Pode-se afirmar que está presente, de forma democrática, em 100% das escolas em todo o mundo, públicas ou particulares. O que pode variar são os índices encontrados em cada realidade escolar. Isso decorre do conhecimento da situação e da postura que cada instituição de ensino adota, ao se deparar com casos de violência entre os alunos. (SILVA, 2010, p.117)

Este fenômeno é tão antigo, mas ainda do que a própria escola. Os estudos começaram a ser realizados no início dos anos 70, na Suécia, pois aquela sociedade se demonstrou preocupada com a violência entre os jovens no âmbito escolar e esse interesse passou para as demais sociedades com o tempo. Embora muitos ainda vejam o bullying como algo que não mereça visibilidade de estudo, é muito importante pesquisar e estudar sobre o assunto.

Certa vez, quando mencionei para um professor sobre o meu interesse em pesquisar sobre o bullying e realizar minha monografia em torno do tema, ele me perguntou o que tinha a ver este assunto com a educação, com a escola em específico, já que o mesmo atualmente é visto como um problema não somente educacional, mas de

saúde pública. Aquelas palavras me machucaram tanto, porque ouvir de alguém que seu trabalho não tem um valor acadêmico foi frustrante, mas eu não desisti, porque eu entendi que mesmo que ele achasse que não existia bullying, eu tinha sofrido e passado por aquilo e queria ajudar outras pessoas a adquirirem conhecimento e assim como eu, superar o bullying.

Vários estudos nos dias atuais, estão voltados para a pesquisa do bullying no ambiente escolar, Sousa e Almeida (2011), em seu artigo escrevem que devido a relevância do tema, o mesmo desperta o interesse em diversas áreas acadêmicas, por ser multidisciplinar, diversas áreas se identificam com o tema e passam a estudá-los, como é o caso da saúde, da educação e do campo judiciário. Em relação à última, existe a lei nº 13.185, que se encontra em vigor desde ano de 2016, que classifica o bullying como intimidação sistemática, pois o mesmo causa violência física e psicológica, oriundas de atos de humilhação ou discriminação.

É importante ressaltar que o bullying se vincula a vários outros conceitos que acabam por fragilizar ainda mais as suas vítimas. Conceitos esses que são vinculados a violência, humilhação, vergonha, preconceito, adolescência e ao contexto escolar. O bullying é um elemento significativo na sociedade contemporânea. É interessante que haja um suporte assistencial para as vítimas do bullying, porque todos esses sentimentos que ligam a esse fenômeno causam transtornos danosos para essas vítimas. (NASCIMENTO, 2017, p. 21)

O fenômeno bullying, não é exclusividade de apenas um país, ele é encontrado em todas as escolas do mundo. O bullying pode ser considerado um retrato real da violência e principalmente da covardia na instituição que trabalha com o conhecimento e com o futuro dos jovens: a escola. As crianças e jovens que hoje praticam bullying nas escolas, provavelmente se tornarão adultos em seus ambientes de trabalho: manipuladores, arrogantes, dominadores, que destroem o psicológico de seus colegas de trabalho ou de seus funcionários, se tornarão: pais, irmãos, maridos ou esposas, perversos, que são capazes de destruir a saúde física e mental do outro.

Portillo (2007), escreve que o bullying é uma forma de aplicação dos atos de humilhação, pois a vítima sofre com as agressões físicas e psicológicas. Pelo fato de as agressões físicas serem visualizadas pelos outros, a autora acredita que a humilhação, se encontra estreitamente ligada ao sentimento de inferioridade e que este sentimento

existe em todos os seres humanos, que se revela quando através de algum ato, o indivíduo se sente inferior. A humilhação tem como principal objetivo destruir a vítima.

CAPÍTULO 4. FATORES PSICOEMOCIONAIS E PSICOSSOCIAIS DO BULLYING NO COTIDIANO SOCIAL E ESCOLAR

*“ As suas ações ditarão a qual grupo você pertence”
(Dagila Silva)*

Todos os dias somos submetidos a novas experiências, algumas delas agradáveis outras nem tanto, estas experiências ficarão presentes para sempre em nossas memórias, ao narrá-las um misto de emoções toma conta de nosso ser. Sendo protagonista de minha história, tenho um poder emancipador grandioso, pois partindo da mesma posso mostrar meu ponto de vista, as minhas vivências. Quando faço uma reflexão do meu passado eu crio uma expansão do mesmo e uma habilidade que me permite vivenciar memórias, até então deixadas em um espaço reservado de meu cérebro.

Este capítulo, tem por finalidade compreender quais as implicações causadas pelo fenômeno bullying, no cotidiano, não somente escolar, como já foi citado no capítulo anterior, mas também social dos estudantes que sofreram ou sofrem bullying nas escolas. Compreendendo assim, que o bullying são atos de violência que perpassam os muros das escolas, pois envolvem família, ciclo de amizades e um fenômeno muito conhecido na atualidade, que é o cyberbullying, quando os atos de violência saem das escolas e são praticados nas mídias sociais, muitas vezes camuflados por contas fakes.

Este capítulo trará como base, além disso, as vivências com as turmas em que ministrei aula durante o ano passado e este ano, nas quais como pedagoga, tive que intervir em alguns ataques de bullies contra vítimas, à maneira que encontrei foi de usar de forma metodológica, a temática, utilizando assim, minhas aulas de Ética e os momentos que tive como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), para trabalhar com o tema em sala de aula.

É de grande importância, identificar e combater o preconceito, as humilhações, os ataques de violência, sejam físicos ou psicológicos e a covardia entre os alunos, uma das formas que utilizo para identificar é a observação. Através dela conseguimos perceber o que acontece no cotidiano da escola e separar o que é brincadeira saudável de uma brincadeira ofensiva, pois muitas vezes o aluno não consegue chegar até o professor e informar o que está acontecendo, visto que muitas vezes o medo ou a vergonha de expor os atos de violência que vem sofrendo impedem a vítima de se expressar.

Viver em sociedade pode gerar conflitos e comportamentos diversos. A partir do instante em que o indivíduo não tolera um determinado comportamento do outro, cria neste grupo uma forma de exclusão deste indivíduo. Assim podemos caracterizar o bullying, como, um ato de violência no qual o agressor não aceita a forma de agir, de pensar e de se comportar da vítima. No âmbito social, este preconceito surge quando o agressor não aceita, além das características acima citadas, a religião, o estereótipo ou a cultura da vítima, o que pode causar danos irreversíveis na vítima.

Lembro de uma vez que fui ministrar uma aula de história e o conteúdo era religiões de matriz africana, dando a aula percebi o quanto os alunos eram influenciados pelas perspectivas de seus pais em relação a estes tipos de religiões. Falas como “é macumba tia”, “é religião do diabo”, surgiram da boca dos alunos. Enquanto eu dava o conteúdo, parei a leitura e fui conversar com eles sobre os pontos de vistas levantados por cada um naquele dia, os livros não trazem uma explicação ampla sobre as religiões de matriz africana, já que os mesmo possuem uma escrita mais voltada para a visão europeia. É importante que o professor saiba dialogar com os alunos sobre o tema e foi o que fiz. Muitas vezes os alunos têm intolerância por uma religião, porque não são ensinados de maneira correta sobre o respeito às mesmas, além disso, a visão dos pais influencia muito uma criança.

Para compreendermos como se dá todo esse processo é importante conhecer os principais atores que estão envolvidos, são eles: agressores, vítimas e os espectadores. Importante ainda, conhecer as características que são fundamentais para identificar os personagens que estão envolvidos. Ao identificá-los, as famílias e as escolas podem elaborar estratégias de combate a esta prática, traçando métodos efetivos contra o bullying.

No ambiente escolar, as vítimas possuem algumas características típicas, como isolamento frequente no intervalo ou então ficam próximos de professores, em sala de aula, são tímidos, possuindo assim, dificuldades em perguntar algo ao professor, faltas frequentes é uma das características, as vítimas se encontram na maioria das vezes tristes e aos poucos vão se desinteressando pelo ambiente escolar, causando a evasão.

As vítimas são os alunos que apresentam pouca habilidade de socialização. Em geral são tímidas ou reservadas, e não conseguem reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos a elas. Normalmente são frágeis fisicamente ou apresentam alguma “marca” que as destaca da maioria dos alunos: são gordinhas ou magra demais, altas ou baixas demais, usam óculos. (SILVA, 2010, p. 38)

Escrevendo isso, lembrei de uma cena ocorrida esse ano em sala, com uma de minhas alunas. Possuo uma aluna que é muito retraída e a mesma possui uma dificuldade enorme de falar em sala de aula, e com o tempo percebi que a sua vergonha era advinda dos ataques dos colegas. Certa vez, solicitei que a mesma fizesse a leitura de um parágrafo do livro, a mesma se negou, quando perguntei o motivo, os colegas começaram a rir e disseram que ela era burra e não sabia ler. Não era a primeira vez que havia percebido ações parecidas dos mesmos alunos só que com outros colegas. É importante que o professor identifique esses atos, pois a identificação, fará com que o mesmo procure juntamente com a escola meios de combate a esta prática.

O perfil dos agressores no ambiente escolar é de alunos que começam com brincadeiras que não agradam um ou mais colegas, em sua maioria colocam apelidos ofensivos nas vítimas, fazem ameaças diretas ou indiretas, perturbam e humilham a vítima, e tantas outras características. Eles podem ser tanto do sexo feminino como do sexo masculino.

Eles podem ser de ambos os sexos. Possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade e, na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado através da força física ou de intenso assédio psicológico. O agressor pode agir sozinho ou em grupo. (SILVA, 2010, p. 43)

Os espectadores são denominados como passivos, aos quais assumem esta característica por medo de se tornarem o próximo alvo, os espectadores ativos, denominados assim, por embora não participarem dos ataques dá apoio moral aos agressores, e os espectadores neutros, que são aqueles que não demonstram nenhuma sensibilidade pelas situações oriundas do bullying, em muitos casos possuem esta característica por participarem de um lar desestruturado.

Os espectadores são aqueles alunos que testemunham as ações dos agressores contra as vítimas, mas não tomam qualquer atitude em relação a isso: não saem em defesa do agredido, tampouco se juntam aos agressores. [...] Seja lá como for, os espectadores, em sua grande maioria, se omitem em face dos ataques de bullying. (SILVA, 2010, p.45-46)

Por entender que uma das principais características do bullying é a violência, seja no âmbito escolar, seja no âmbito social não deveria a escola ser a instituição que deveria desenvolver a civilidade entre os alunos? O que vemos é que na mesma as discussões, os atos de violência, vem se desenvolvendo a cada dia, criando assim, um ambiente propício para as práticas do bullying. A violência na escola é uma preocupação constante.

Com tantas mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas, a educação transformou-se de forma veloz e um tanto confusa. Essas mudanças criaram, em pouco tempo, novos valores e novas referências que passaram a ser aplicados na formação educacional dos jovens de então. (SILVA, 2010, p.59)

Nunca presenciei, como educadora, casos na escola que levassem para a agressão física, mas a meu ver alguns dos agressores seja crianças ou jovens, quando chegam à vida adulta apresentam um transtorno de conduta, que não será algo passageiro, pois se tornarão pais, companheiros, patrões que trazem em sua essência a arrogância e a prepotência.

De qualquer forma, tanto em situações em que o comportamento desrespeitoso é passageiro quanto naquelas em que as condutas juvenis apontam para uma índole verdadeiramente má, jamais podemos perder de vista que tolerar o intolerável e justificar o injustificável são posturas de extremo desrespeito para com a maioria absoluta da humanidade, que batalha todos os dias por um mundo melhor e menos violento. (SILVA, 2010, p. 53)

É importante entender que as ações educativas são complexas, elas não estão ligadas tão somente pelos comportamentos individuais, os aspectos culturais e sociais estão inseridos também nestas ações. É importante salientar que os valores e os modelos educacionais são transmitidos por toda a comunidade, não se limita somente aos pais e aos professores.

As referências e os valores que guiam os comportamentos individuais e, conseqüentemente, as ações educativas dos adultos para com os jovens, com frequência, entram em crise, porque também estão em crise os sistemas sociais, culturais, econômicos e familiares que reproduzem a visão de mundo que esses sistemas refletem. (SILVA, 2010, p. 57)

Depois de mencionado tudo isso, sobre a violência na escola, o perfil de cada personagem dos atos de bullying, pode-se compreender que são diversas as implicações causadas pelo fenômeno bullying, em uma perspectiva social e educacional, principalmente quando se trata de memórias, pois as mesmas nunca serão apagadas, diversos transtornos psicológicos estão atrelados às vítimas de bullying e os mesmos já foram mencionados aqui.

Todos nós de alguma maneira já sofremos bullying, por sermos seres sociais, estamos em constante disputa por liderança e poder. É óbvio que existe as que são positivas, nas quais um auxilia o outro, porém infelizmente também existe a forma de liderança que busca humilhar, maltratar, ludibriar o outro. Os bullies, buscam um poder de liderança que não busca ajudar o outro e sim, sempre destratar.

Saber lidar com as diferenças existentes é um grande desafio que a humanidade enfrenta desde os primórdios dos tempos. O bullying pode ser enquadrado como um assédio moral e ir a júri como tal, pois o abuso de poder prevalece. Como já falado o bullying são atos que ocorrem em ambientes tantos escolares como no ambiente profissional, podemos denominá-lo neste segundo de assédio moral.

A violência escolar não acontece somente entre alunos, muitas vezes o professor se encontra em uma situação de humilhação, de ameaças advindas de seus próprios alunos. Muitas vezes, os professores sofrem bullying, e tem medo de procurar seus superiores para reclamar e ser mal interpretado pelos mesmos. Lembro-me de uma cena que ocorreu quando eu dava aulas em uma escola pública, de meu município, o uso do laptop educacional, servia de ferramenta para o aprendizado dos alunos, o mesmo era disponibilizado para todos os alunos da sala, porém o mesmo era de uso educacional, os alunos não poderiam utilizar para acessar as redes sociais. Percebendo que três alunos estavam utilizando o mesmo de forma inadequada, chamei a atenção dos mesmos, por este simples fato, fui ameaçada de morte por três alunos, quantos professores hoje em dia, não são ameaçados por coisas triviais no ambiente escolar, e muitas vezes se calam.

Outro tipo de bullying é o homofóbico, no qual o agressor não tolera a opção sexual escolhida pela vítima. Isso ocorre, pois, a nossa sociedade ainda tem uma grande influência da religião e de um seio familiar conservador, que distorce valores. Uma outra ação que pode ser um pivô para atos de violência são os trotes universitários, em si, ele não é considerado bullying, porém, o mesmo pode originar as práticas de violência.

É importante frisar, que para ser considerado bullying, é necessário, que os atos de violência apresentem uma repetição, e ocorra de forma que haja um desequilíbrio de poder. Alguns estudos apontam que os bullies (agressores), possuem uma grande probabilidade de se tornarem delinquentes e por consequência, criminosos. Sem dúvidas alguma, o bullying estimula a delinquência, por conta das suas formas visíveis de violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Não está tudo bem, mas vai ficar”.
(Dagila Silva)

Imersos aos diferentes conflitos oriundos das crises globais, os seres humanos, apoiados em suas memórias e vivências cotidianas, tornam-se protagonistas de suas próprias histórias de vida. Ao praticarem as narrações de suas histórias, os indivíduos, tornam-se adeptos da prática reflexiva, pois através dela, ele reflete suas ações e compreende o processo formativo, seja ele individual, quando o mesmo, busca a compreensão da sua identidade pessoal, seja profissional, quando ele encontra em sua história de vida, um meio ao qual se pode pensar a sua profissão como um processo formativo que gera aprendizagem.

Compreendo que a história de vida é uma importante fonte de pesquisa e que a mesma gera grandes aprendizados. Nesta monografia, busquei através do método autobiográfico, compreender quais as consequências causadas pelo bullying no ambiente escolar e social dos estudantes, visto que este fenômeno gera implicações no cotidiano social e educativo dos alunos.

Por compreender que o bullying seja um fenômeno que gera atos de violência repetitivas, causadas tanto por atos físicos como psicológicos é de grande relevância, estudos que foquem nesta temática, pois o mesmo revela-se como um problema não somente educacional, mas também um problema de saúde pública, que envolve diversos profissionais que colaboram para o enfrentamento com êxito do mesmo.

A autobiografia neste trabalho foi de grande importância, pois a mesma serviu como um fio condutor para narrar, sistematizando e dialogando com a referência de alguns autores sobre minha experiência de vida como vítima/agressora deste fenômeno. Como mencionado em minha escrita, muitas das vítimas tornam-se agressoras, por acharem que esta seja uma forma de escapar das agressões, o que é algo enganoso, pois não é porque você passa a agredir, que você deixará de ser agredido.

Nesta pesquisa, pudemos conhecer um pouco sobre o perfil dos três principais personagens deste problema: vítima, agressor e espectador. Através de minhas memórias pudemos ainda dialogar com os autores sobre a perspectiva do que seria bullying e as suas consequências, visto que as experiências de vida são importantes para compreender de forma mais aprofundada os sentimentos causados pelo mesmo na vítima.

Além disso, através dela, pode-se perceber a relevância e importância de trabalhos autobiográficos para que se entenda o processo formativo do indivíduo, haja vista que assim como um dia fui vítima/agressora. Hoje atuo como pedagoga e através das observações, da minha experiência de vida, busco formas de impedir e combater o bullying no ambiente escolar.

Entendendo o bullying como uma forma específica de violência, é importante identificá-lo e tratá-lo como um problema social, de responsabilidade não somente da escola, mas de toda a comunidade. A escola, por ser uma instituição que instrui, pode representar um grande papel na diminuição dos casos. Mas outro agente muito importante nesse combate é a família, que em parceria com a escola e com outros setores da comunidade, podem lutar pela redução dessa violência.

Outra ação preventiva é que escola coloque em pauta em suas discussões o tema, para que assim, a comunidade escolar tenha uma ideia do que é o bullying e quais as suas consequências na vida dos envolvidos, além disso, a abertura do diálogo com os alunos é muito importante, para que através do mesmo, surja a possibilidade de alternativas de prevenção a partir do olhar dos estudantes e não somente dos professores. Além disso, é necessário que as escolas capacitem seus profissionais para que os mesmos consigam identificar, diagnosticar e intervir essas práticas, encaminhando assim, de maneira adequada todos os fatos ocorridos dentro de suas dependências.

A vítima do bullying tem que lidar cotidianamente com a frustração e a angústia causadas pelos ataques físicos e psicológicos advindos do bullying, é importante que a escola mobilize não somente seus profissionais, mas a comunidade externa, trazendo para a escola especialistas no assunto e profissionais da saúde, como pediatras, psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais, conselheiros tutelares e outros profissionais ligados à causa.

No meu caso, vencer as consequências causadas pelo bullying, não foi nada fácil, como já mencionado, hoje em dia ainda sofro com ansiedade, mas um fator determinante foi eu aprender a ter amor próprio, através dele consegui visualizar o quanto eu sou capaz. Quando aprendi a me valorizar percebi que os acontecimentos ocorridos no passado servem de formação para prosseguirmos adiante. Antes ao falar dos ataques sofridos na infância, eu não continha as lágrimas, hoje me sinto tão forte para narrá-los que decidi compartilhar através desta monografia minha história, para que

através dela outros jovens se inspirem e compreendam que podem vencer o bullying, e que autobiografia é primordial para compreender este processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Gusmão Freitas; RODRIGUES, Jorge Alberto. História devida de professores como fonte para a história da educação. **X Encontro Regional Nordeste de História Oral**. Salvador, 2015.

BOEHM, Camila. SP: 29% dos jovens sofreram bullying em 2019 em escolas. Agência Brasil, 2020. Disponível em : <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-02/sp-29-dos-jovens-sofreram-bullying-em-2019-em-escolas>. Acesso em: 11 de março de 2020.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf. Acesso em: 23 de março de 2019.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

BRAÇANÇA, Inês Ferreira de Souza. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto) biográfica. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p.157-164, maio/ago.2011.

NASCIMENTO, Dagila da Silva. **Histórias de vida de jovens que sofreram ou sofrem bullying, casos da escola Danisio Dalton da Rocha Corrêa**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

PORTILLO, G. P. Bullying- Uma síntese da humilhação. Portal do Marketing. 2007. Disponível em:http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Bullying_Uma_Sintese_da_Humilhacao.htm acessado em: 30 de setembro de 2020.

RIOS, FÁBIO; “Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo”. In: **Revista Intratextos**, 2013, vol 5, no1, p. 1-22.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Fontanar, Rio de Janeiro, 2010.

SOUZA, Mariana Jantsch. A memória como matéria prima para uma identidade:

apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, v. 16, n. 1, p. 91-117, 2014. Disponível em:

periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/20337/11264. Acesso em: 23 de março de 2019.

SOUSA, P. C, ALMEIDA, P. C. L. **Bullying em ambiente escolar**. ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer- Goiânia, vol.7, N.12, 2011. Pág: 179-190.